



Instituto Camões – Pólo da Beira
Centro de Língua Portuguesa
(22/08/2012)

**As línguas que nos habitam e as línguas que habitamos:
espaços de diversidade, espaços de educação**

Doutora Ana Sofia Pinho (anapinho@ua.pt)

Universidade de Aveiro

Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF)

Laboratório Aberto para a Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (LALE)



Uma palestra em 3 atos:

Espaços de diversidade - identidade

“As línguas
que nos
habitam”:

Línguas e
trajetórias


“As línguas
que
habitamos”:

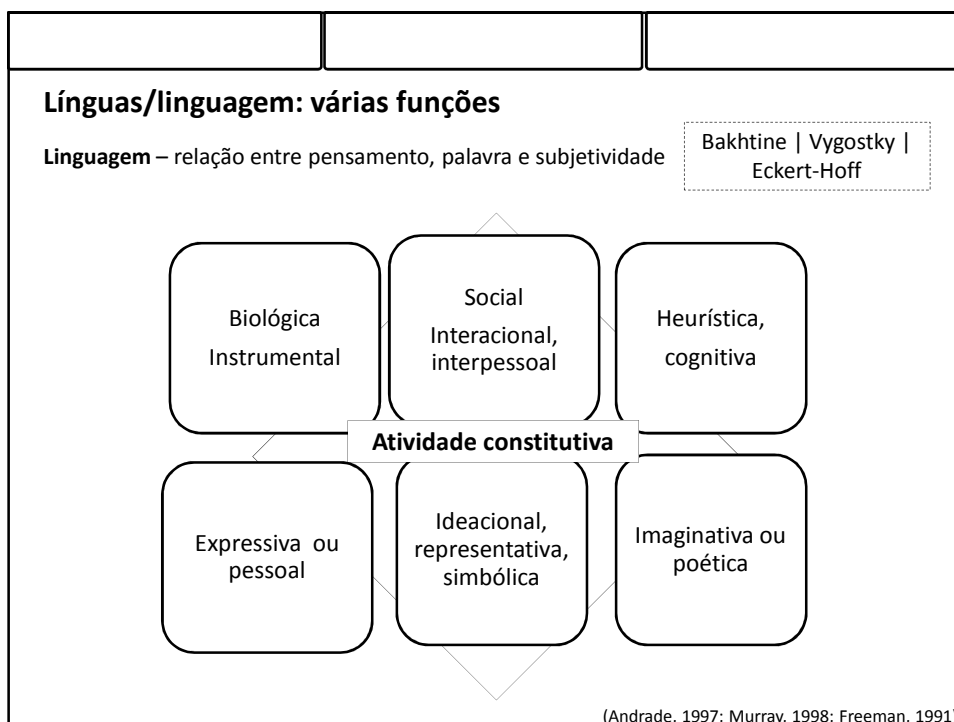
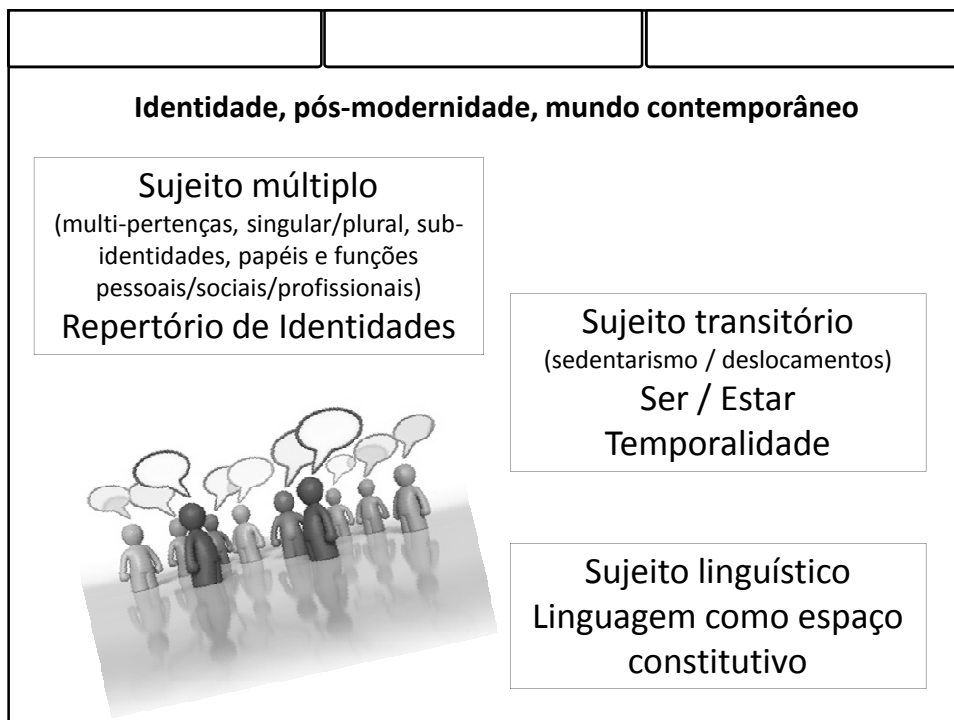
Estatutos e
Funções das
Línguas | O papel
do contexto

Língua
Portuguesa

Que identidade(s)?
Que ensino(s)?
Que educação?

<p>“Eu sou tristes. Não me engano, digo bem. Ou talvez: nós sou triste? Porque dentro de mim não sou sozinho. Sou muitos. E esses todos disputam minha única vida. Vamos tendo muitas mortes. Mas parto foi um só. Aí, o problema. Por isso, quando conto a minha história me misturo, mulato não de raças, mas de existências.”</p> <p>Mia Couto, ‘Vozes anoitecidas’</p>		

<p>Perspetiva(s) sobre <i>identidade</i></p>		
<p>Correntes pós-estruturalistas e pós-modernas (M. Bakhtin P. Bourdieu S. Hall M. Foucault C. Weedon)</p>		<p>A “viragem linguística”: papel fundamental de processos e estratégias linguísticas na criação, negociação e instituição de identidades</p>
<p>Ideias centrais: a identidade é um processo, dinâmico e interativo, e</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ constrói-se em interações específicas e concretas; ▪ admite constelações de identidades (em vez de constructos monolíticos) ▪ não emana simplesmente do indivíduo, antes resulta de processos de negociação e textualização eminentemente sociais ▪ implica “trabalho discursivo” (ex. relações de poder e conflitos) 		
<p><small>De Fina <i>et al.</i> (2006); Dubar 1998; Gohier & Anadón 2000 Pavlenko & Blackledge (2004)</small></p>		



Línguas enquanto espaço de construção identitária...

"a aprendizagem da língua portuguesa...é um meio...se quiseres um espelho através do qual observo a minha identidade marroquina. Isso não me causa problemas...pelo contrário é uma forma de me enriquecer e de melhor compreender os outros".

Abdel, professor de árabe na Universidade de Aveiro

"acquiring a new discourse means becoming able to take on a new social identity – one of a number – and a new vision of the world and the things that are important in it." (Murray 1998)


"A língua que nós falamos, que nós escrevemos é antes de mais a expressão daquilo que nós somos, daquilo que nós aprendemos. É através dela que olhamos o mundo e que vamos ao encontro dele. Os outros utilizam por vezes uma linguagem diferente da nossa. Precisamos então de ultrapassar um sentimento de incompreensão para ouvir uma nova maneira de exprimir ou de sonhar a vida. Pela singularidade da sua música e da sua escrita, mais de cinco mil línguas participam assim na beleza do mundo, enriquecendo-se muitas vezes das suas próprias diferenças." (Henry 1998)

"A condição humana da pluralidade (...)
 deriva do facto de que o que há são
 muitos homens, muitas ***histórias***, muitos
 modos de racionalidade, ***muitas línguas*** e,
 seguramente, muitos ***mundos*** e muitas
realidades."

(Larrosa & Skliar 2001: 17)

...e muitas **identidades**

<p>“As línguas que nos habitam”:</p> <p>Línguas e trajetórias plurilingues</p>		

<p>Uma questão de percursos de vida, de trajetórias, de biografia...com as línguas</p>		
	<p style="text-align: center;">A história entre mim e as minhas línguas</p> <p><i>Era uma vez... uma menina que falava português como língua materna e que tinha familiares emigrados em França, com quem brincava nos verões, quando eles vinham passar férias a Portugal. Descobriu que eles falavam uma língua diferente, divertida e que ela gostava de imitar. Essa língua era o francês.</i></p> <p><i>Pois é, o francês é a primeira língua de que eu tenho memória de conhecer para além da minha língua materna, o português. Acho que foi nesses verões em que eu era criança que eu me fui apercebendo de que havia pessoas que falavam línguas diferentes. Quando esses meus primos regressavam a França e eu queria continuar a imitar o falar deles, pedia ajuda ao meu avô [...]</i></p>	

<p>Outras trajetórias...</p> <p style="text-align: center;">Fátima Candé</p> <p>25 anos, guineense, fez toda a escola secundária na Guiné Bissau. Veio para Portugal com de uma bolsa de estudos, frequentou o curso de Português-Francês na Universidade de Aveiro (2000). Fez o 12.º ano na Guiné Bissau, mas como não obteve equivalência em Portugal repetiu-o na Escola Secundária José Estevão, em Aveiro.</p> <p>Fala Português (língua oficial da Guiné Bissau), Crioulo (língua materna), Fula (língua da Guiné Bissau falado pela etnia à qual pertence), Wolof (língua oficial do Senegal), Francês e Inglês. Esta última apenas por contactos com amigos. Conhece um pouco de Árabe clássico, pois em criança aprendeu o Corão, o que fez durante 4 anos e apenas a nível escrito. Também domina parcialmente o Árabe atual, dado que passou férias no Senegal, onde contactou com falantes de Árabe da Mauritânia e do Mali. Em 1993 ficou no Senegal aprendendo a falar Wolof. Gostaria muito de aprender outras línguas, em especial o Japonês e o Italiano.</p>		

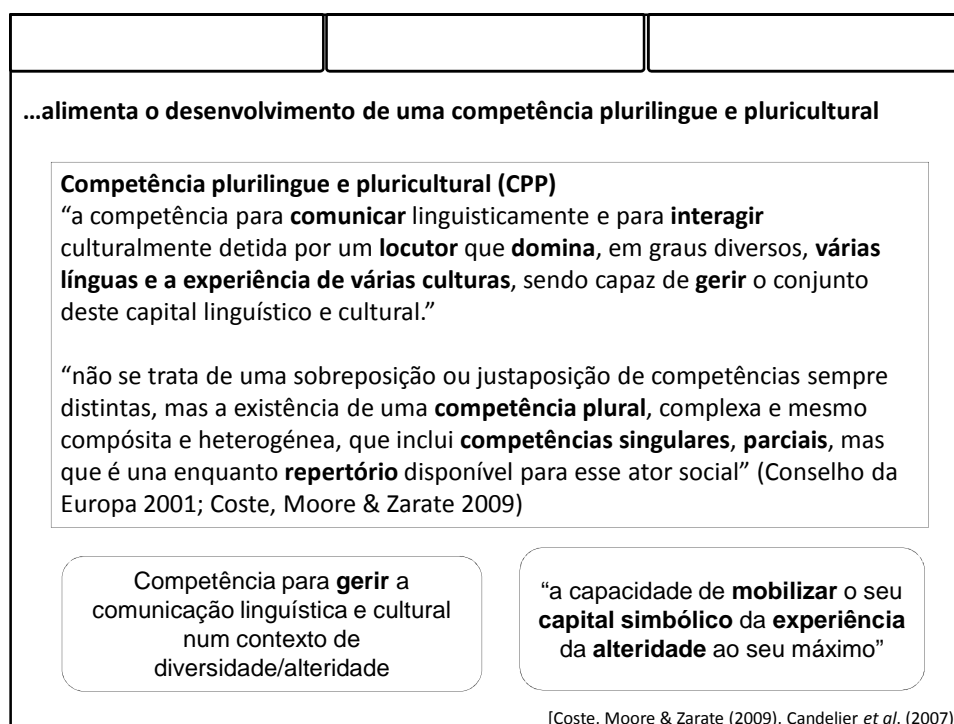
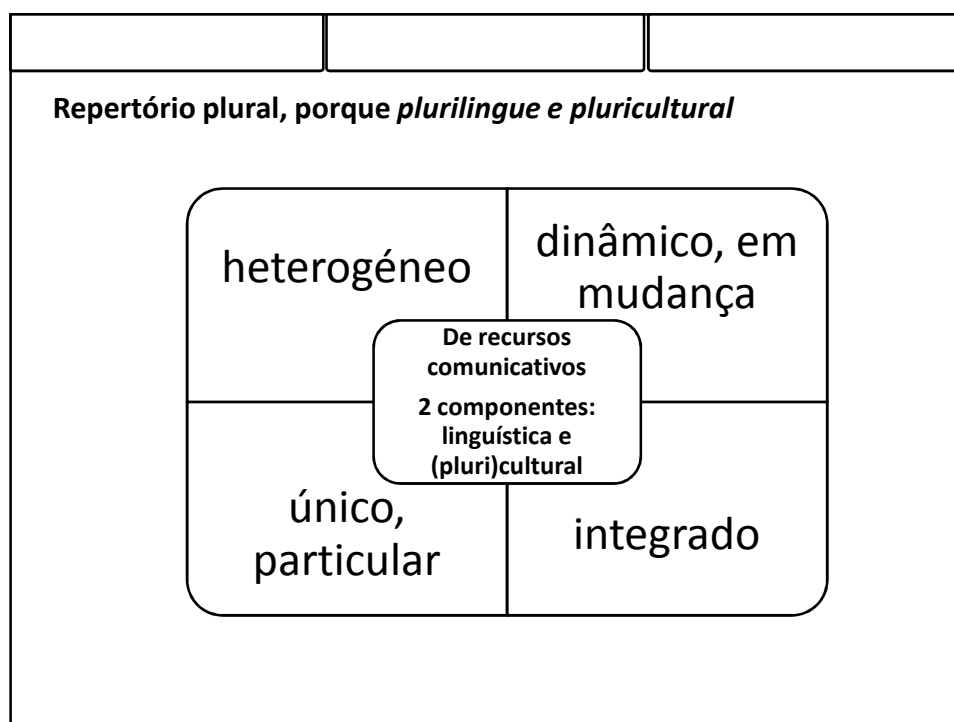
<p style="text-align: center;">Mário Pedro</p> <p>41 anos, Português, chefia uma equipa de produção na Fábrica Renault de Cacia (ramo da metalurgia). Tem o Curso do Ensino Secundário Técnico feita na África do Sul. Obteve equivalências para integração no sistema escolar português, tendo frequentado o antigo 2.º ano do Curso Complementar dos Liceus de Letras: Inglês, Alemão, Português, Latim, etc.</p> <p>Com 2 anos foi para África do Sul - Pretória. Frequentou a escola pré-primária em Inglês, onde aprendeu a ler e a escrever. Falava Inglês com os pais e compreendia-os quando falavam em Português. Em criança teve contacto com o Crioulo, o Zulu e o Italiano. Aos 6 anos voltou a Portugal onde fez a escola primária em Português. No ciclo preparatório teve Francês, que mais tarde aperfeiçoou na empresa onde trabalha atualmente. Aos 10 anos regressa à África do Sul, frequentando o Curso Técnico num Colégio Inglês, onde aprendeu Afrikaans.</p> <p>Fala Português, Inglês, Francês, um pouco de Espanhol, de Alemão e de Afrikaans. Se pudesse aprendia o maior número de línguas possível.</p>		

<p>Dejan Pretnar</p> <p>25 anos, é Esloveno e estudante, de momento em Portugal. Na escola aprendeu Inglês e um pouco de Alemão, língua que diz não gostar. Fala Esloveno e a língua Servo-Croata, e agora Português. Considera o Esloveno a sua língua materna, apesar de ter aprendido quase em simultâneo o Servo-Croata. Tinha dois anos quando começou a aprender Inglês numa escola inglesa, que frequentava em Nairobi, Quénia, onde viveu durante cerca de 5 anos.</p> <p>Tem amigos em quase todas as partes do mundo. Desde Italianos, Austríacos, Ingleses, Franceses, Suecos, Espanhóis e Portugueses a Japoneses, Americanos, Canadianos e Chilenos. "É o que acontece quando viajamos muito", esclarece. Já foi à Índia, viveu pouco tempo em Munique, Alemanha. Fez cursos intensivos em Inglaterra e França.</p> <p>Gostaria de aprender o maior número de línguas possível, de entre as quais o Hindi e o Sânscrito. Tal como se diz na Eslovénia, "quanto mais línguas se souber, mais valor se tem".</p>		

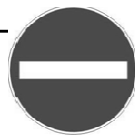
<p>Comunidades de (não) pertença: <i>comunidades linguísticas</i></p>		
<p>«Depuis que j'ai quitté le Liban en 1976, pour m'installer en France, que de fois m'a-t-on demandé, avec les meilleures intentions du monde, si je me sentais "plutôt français" ou "plutôt libanais". Je réponds invariablement: "L'un et l'autre!" Non par quelque souci d'équilibre ou d'équité, mais parce qu'en répondant différemment, je mentirais. Ce qui fait que je suis moi-même et pas un autre, c'est que je suis ainsi à la lisière de deux pays, de deux ou trois langues, de plusieurs traditions culturelles. C'est précisément cela qui définit mon identité. Serais-je plus authentique si je m'amputais d'une partie de moi-même?»</p> <p>(Amin Maalouf, <i>Les Identités meurtrières</i>).</p>		


<p>Migração Italiana no Canadá</p> <p>“I’m really proud that I have the Italian passport and the Canadian citizenship. Yeah, it is part of my identity now... I mean, identity is all about what one thinks in their mind... and identity can mean different things to different people.” (Diana)</p> <p>“I’m always worried that I sound – that they’re not going to take me seriously if I don’t speak a certain way. If I talk about my culture, if I talk about the fact that I still live at home, if I talk about my parents in a certain way. I’m always afraid they are going to think of me as a – not take me seriously for a certain reason.” (Tania)</p> <p>“Usually with my friends, even with non-Italian friends, I’m very comfortable being Italian. I’m very comfortable speaking. I don’t notice – I’m not conscious with my hands. I’m comfortable being aggressive. I’m very comfortable speaking quickly, you know, rolling my consonants, my Rs, just whatever. I have no problem letting myself be.” (Tania)</p>		

<p>Sujeitos com uma <i>identidade plurilingue</i></p> <p>O que significa ser plurilingue?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Identificação cultural e linguisticamente plural (autoatribuída) , resultante das experiências dos sujeitos em contextos sociais, culturais e linguísticos ao longo da vida; ▪ Reside num sentido/sentimento de pertença (e de heteroaceitação) a uma/várias comunidade/s de falantes, sentimento este valorizador da pluralidade e diversidade, que age como uma referência em situações e ações de comunicação e aprendizagem; ▪ Articula-se com a autorrepresentação como sujeito plurilingue, o autoconhecimento/consciência de si enquanto falante e a capacidade de mobilizar esse conhecimento em situações várias <p style="text-align: right;">(Oliveira & Ançã 2009; Pinho 2008)</p>		
<p>O que a torna operatória?</p>	<p style="text-align: center;">Repertório plural</p> <p>(várias línguas, culturas integradas através de processos de aquisição diversos – formal, informal, especialmente através da interação)</p>	

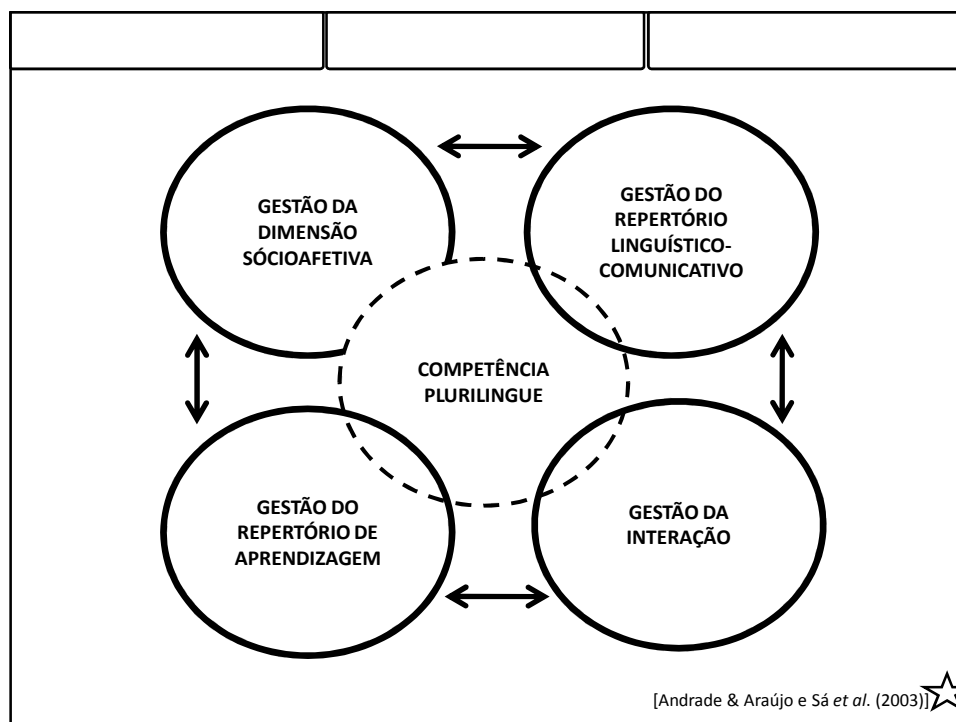


<p>Qual a relação com o conceito de <i>Competência Comunicativa</i>?</p> <p>O conceito de CC estimulou uma abordagem da língua em contexto formal:</p> <ul style="list-style-type: none"> - mais complexa e completa (englobando dimensões como a estratégica, a sociocultural, a pragmática, a discursiva, a de aprendizagem...), - mais pragmática, implicando a consideração de novos fatores envolvidos no uso social da linguagem, tais como os locutores, os contextos, as intencionalidades de uso e apropriação das línguas), - mais individualizada (explorando, por exemplo, a ideia da análise das necessidades de linguagem dos sujeitos aprendentes). 		


<p>Problemas:</p>  <ul style="list-style-type: none"> • uma língua/uma competência (perspetiva aditiva da aprendizagem de línguas); • a competência de comunicação a desenvolver em contexto de aprendizagem é vista como idealmente homogénea e equilibrada (compreensão/expressão; escrita/oralidade); • noção de CC – assente no modelo do comunicador nativo ideal; • a aprendizagem de línguas é entendida como a justaposição, adição de línguas, em que cada uma ocupa o seu espaço, sem contacto ou pontes entre elas; aprendente não é considerado um falante plurilingue (com repertório integrado = capital linguístico para novas aprendizagens) • tendência para privilegiar dimensão linguística em detrimento de uma pedagogia intercultural e de consciencialização da pluralidade <p>(Coste s/d, http://www.scuole.vda.it/Ecole/Atti/05.htm)</p>		



		
<p>Dois argumentos:</p> <p>- de tipo didático – criação de expectativas, objetivos e finalidades impossíveis de concretizar, conduzindo ao fracasso educativo inevitável e à desmotivação;</p> <p>- de tipo identitário e linguístico – levando a pressupor que, para aprender uma outra língua, o sujeito necessita de abandonar, mesmo que transitória e provisoriamente, uma língua e uma cultura própria e aceitar mergulhar completamente num outro sistema, tentando a todo o custo assemelhar-se aos falantes nativos dessa outra língua.</p> <p style="text-align: right;">(Byram 1997)</p>		

<p>O que passa a ser importante? (1)</p> <p><input type="checkbox"/> desenvolver uma competência em línguas multidimensional, ao longo da vida</p> <p>“porque todos estamos convencidos de que aquilo que temos de ensinar/aprender em aula de línguas não é apenas um conjunto de regras gramaticais, de estruturas linguísticas, de actos de fala ou de enunciados (um conhecimento declarativo-gramatical sobre a língua), mas antes um conhecimento e um saber-fazer (conhecimento processual) que permite agir verbalmente de modo apropriado num determinado domínio e situação” (Andrade 1997)</p> <div style="text-align: center; border: 1px solid black; border-radius: 15px; padding: 10px; width: fit-content; margin: 10px auto;"> Competência de construção e expansão do repertório linguístico e cultural plural. </div> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Gestão do repertório para a aprendizagem de línguas e para as tarefas comunicativas</p>		



<p>GESTÃO DA DIMENSÃO SÓCIOAFETIVA</p>	<p>“gostava de aprender as línguas deles para os poder compreender/ tentaria integrar-me ao máximo/ comer as comidas deles [...] não precisava de aprender as línguas na perfeição/ para mim bastava-me o suficiente para os poder entender e eles a mim/ neste momento gostaria de aprender o marroquino e perceber a escrita deles/ temos cá muitos marroquinos/ temos cá muitos marroquinos/ às vezes meto conversa com eles e fico admirado como é que eles falam Português/ mal/ mas falam/ gostava também de conhecer o Oriente/ aprender Chinês/ fiquei curioso depois de tantas notícias na televisão sobre Macau” (MP)</p>
	<p>“I didn’t realise how much I loved Chinese before I came here...it’s like the kind of feelings you have towards your mother/ the kind of affinity and closeness and/ hum/ the ease to speak it and/ hum/ what else/ all those things we associate with Chinese as a language” (HL)</p>

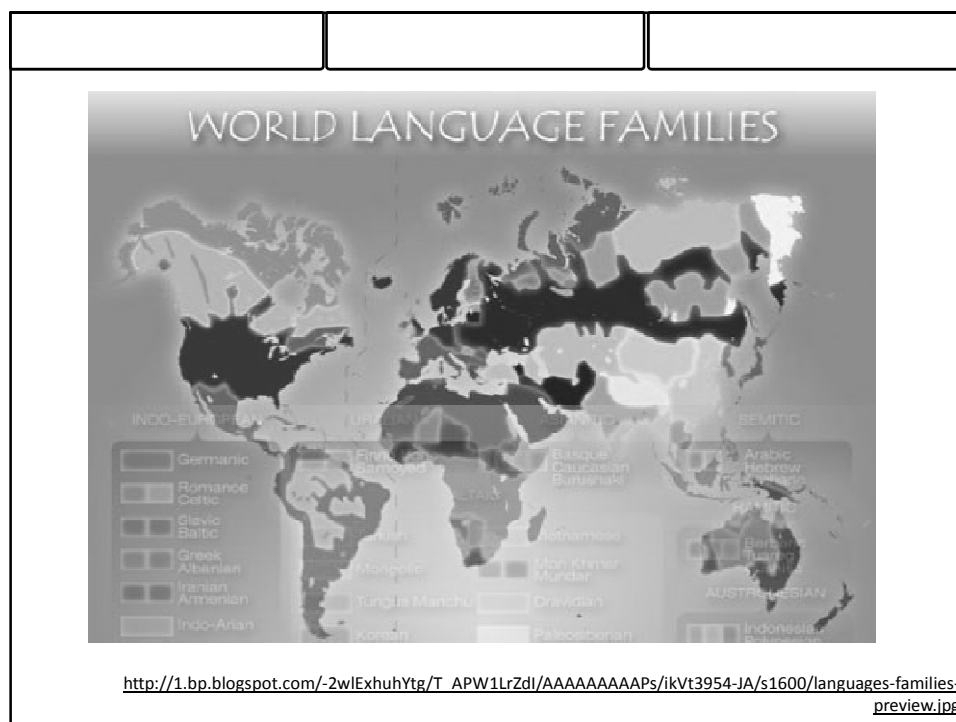
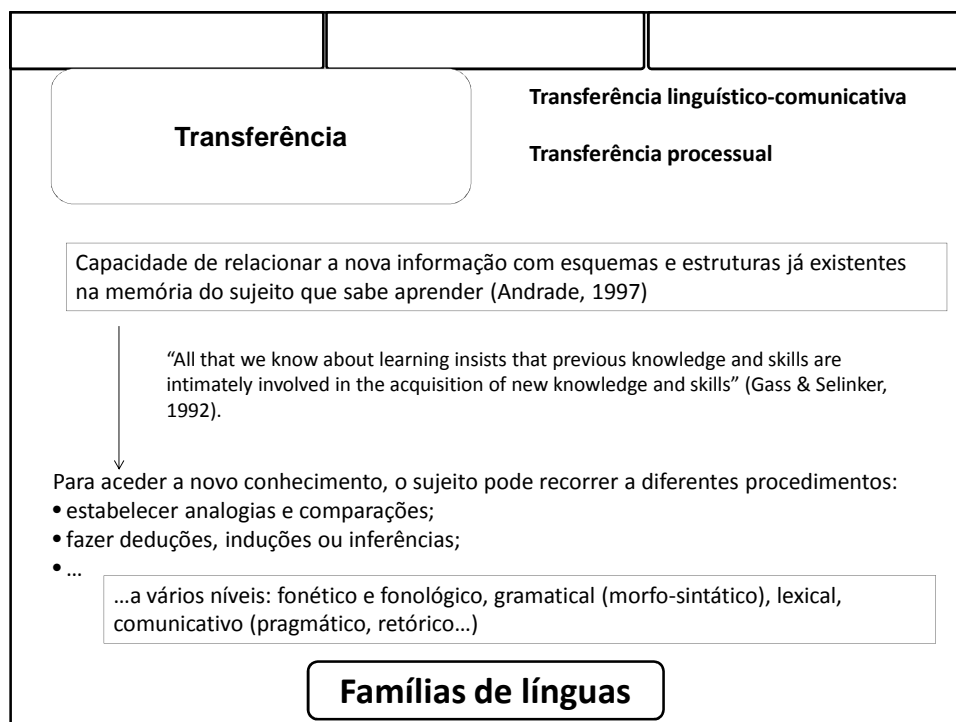
<p>“hoje falo Francês/ sei que a minha pronúncia não é boa/ mas domino os termos técnicos e consigo participar nas reuniões e nas conversas correntes/ compreendo muito bem/ não consigo escrevê-lo [...] leio Espanhol mas não sei escrevê-lo” (MP)</p>		
<p>“tratava-se de uma zona rural/ então um velhote a quem eu tinha mostrado a direção começa a falar em Flamengo/ Neerlandês/ e de repente/ eu comecei a perceber e verifiquei que o Neerlandês era muito semelhante ao Afrikaans/ e o Alemão que tinha aprendido também ajudava [...] de seguida visitei a Holanda e tive outro episódio curioso/ meti conversa com um camponês que apenas sabia falar o Neerlandês e falámos durante bastante tempo” (MP)</p>		
<p>“há às vezes verbos que eu nunca/ me atrevi a usar em Japonês/ que é/ receber e dar// (...) acho que são oito// porque se eu dou a alguém inferior é um verbo/ se eu dou a alguém superior é outro/ se alguém superior a mim me dá/ é outro/ se alguém inferior me dá/ é outro verbo// [...] foi aí que eu vi/ como a língua transmite a cultura de um povo// que nós quando estamos a olhar para as nossas culturas/ não nos apercebemos disso// (...) de facto/ quando estudamos uma língua radicalmente diferente/ (...) realmente/ uma língua que tem quatro verbos para dizer dar/ pronto/ conforme as pessoas são inferiores ou superiores// obviamente dá uma importância à hierarquia social” (HM)</p>		

	<p>“porque aquelas noções que nós temos/ o que é uma frase/ o que é um verbo/ o que é um adjetivo// caem por terra/ totalmente/ e há coisas que nós nunca pensámos/ (...) que é possível numa língua que não tenha determinadas características// (...) pronto/ é um choque muito grande// é difícil de imaginar/ (...) por exemplo/ não há plural/ ah/ uma pessoa diz/ não há plural/ mas quando uma pessoa tenta exprimir-se// por exemplo/ ouve uma frase/ uma pessoa tenta traduzir para nós// o facto de não sabermos se é plural/ se é singular// só isto/ é uma confusão terrível/ não é (...) mas eu levei 6 meses a aceitar isso [...] a ser capaz de/ digamos/ a não me sentir frustrada// [...] até que um dia disse// de facto não tem importância nenhuma” (HM)</p>	
	<p>“em casa/ os meus pais falavam o Português com misturas/ e eu o Inglês/ eles compreendiam-me bem/ eu compreendia-os/ não sentia necessidade de praticar o Português/ lembro-me que por vezes/ fugia/ ia brincar com os miúdos dos bairros negros e entendíamos-nos perfeitamente/ eu conseguia falar com eles e quase como eles/ uma mistura de crioulo/ de Zulu/ de Inglês/ [...] aliás o meu pai também falava com os empregados dele nessa mistura de idiomas e todos se compreendiam” (MP)</p>	




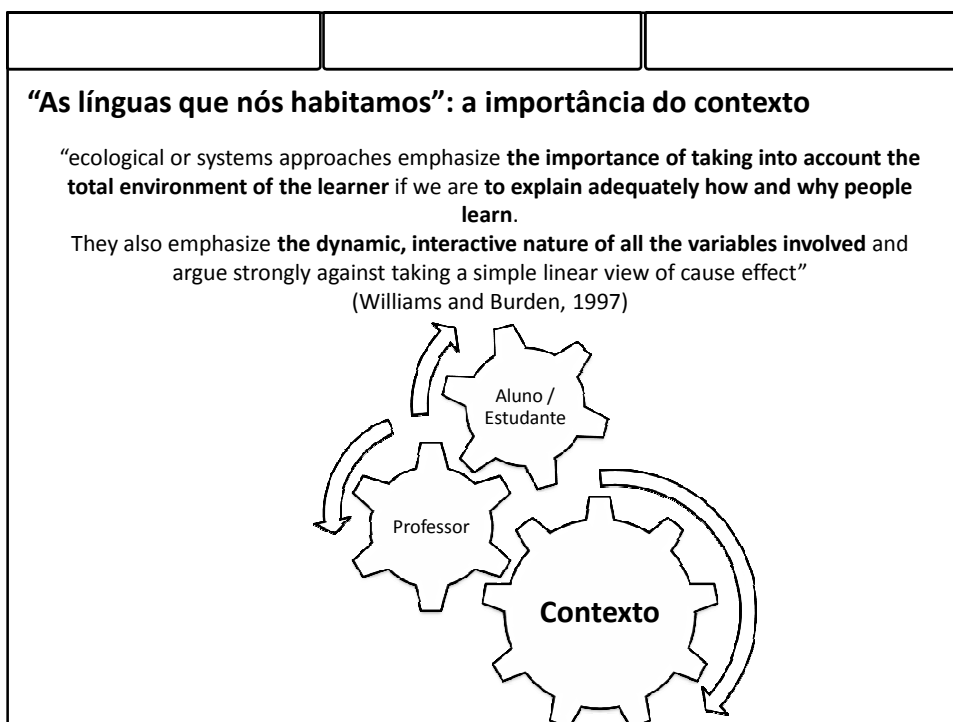
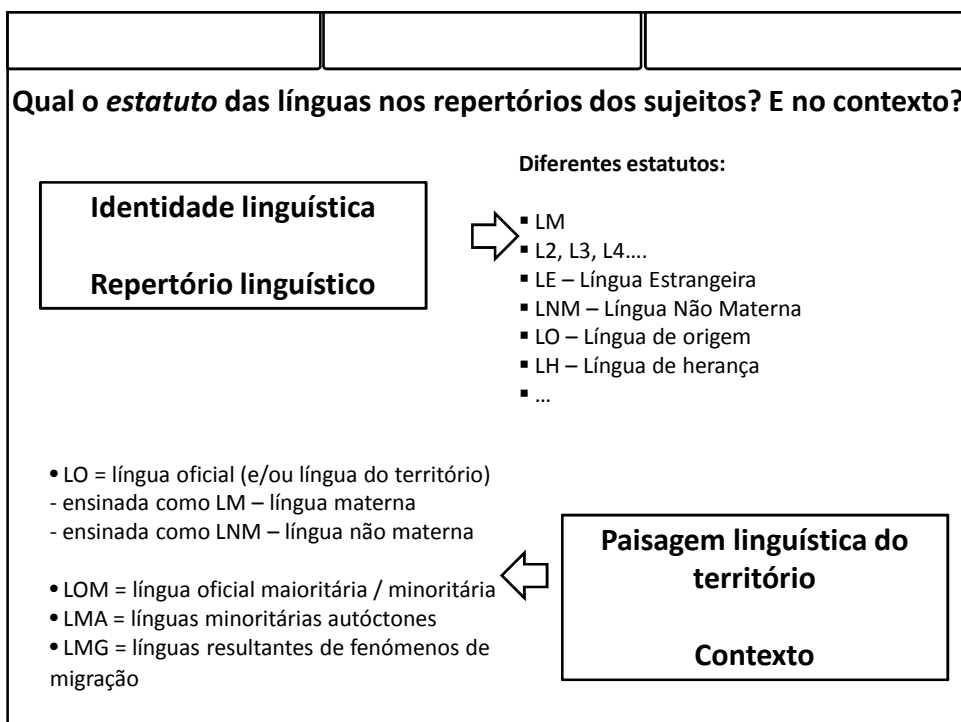
O que passa a ser importante desenvolver? (2)		
Competência de aprendizagem transversal	aprender a aprender línguas desde os primeiros anos de escolaridade “transferabilidade” e “task-commonality” <small>(Doyé, 2003)</small>	
<p>Todo o trabalho didático com a língua deve procurar trabalhar processos, estratégias, técnicas de aprendizagem do material verbal e/ou comunicativo, como são, por exemplo, certas formas de recurso aos conhecimentos, competências, capacidades já adquiridos.</p>		
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;"> ❖ uma flexibilidade cognitiva e comunicativa, onde o sujeito é capaz de planificar, executar, avaliar formas de estudo e/ou de aprendizagem verbal que permitem progressos efetivos ao nível da competência de comunicação </div>		
<p>- refletir sobre, avaliar ou tomar decisões relativamente ao processo de E/A, em que “aprende a ensinar”, ou seja, a tornar transparentes as finalidades do processo de ensinar/aprender (cf. Almeida, 2001)</p>	<div style="border: 1px solid black; border-radius: 15px; padding: 10px; width: fit-content; margin: 0 auto;"> Autonomia </div>	

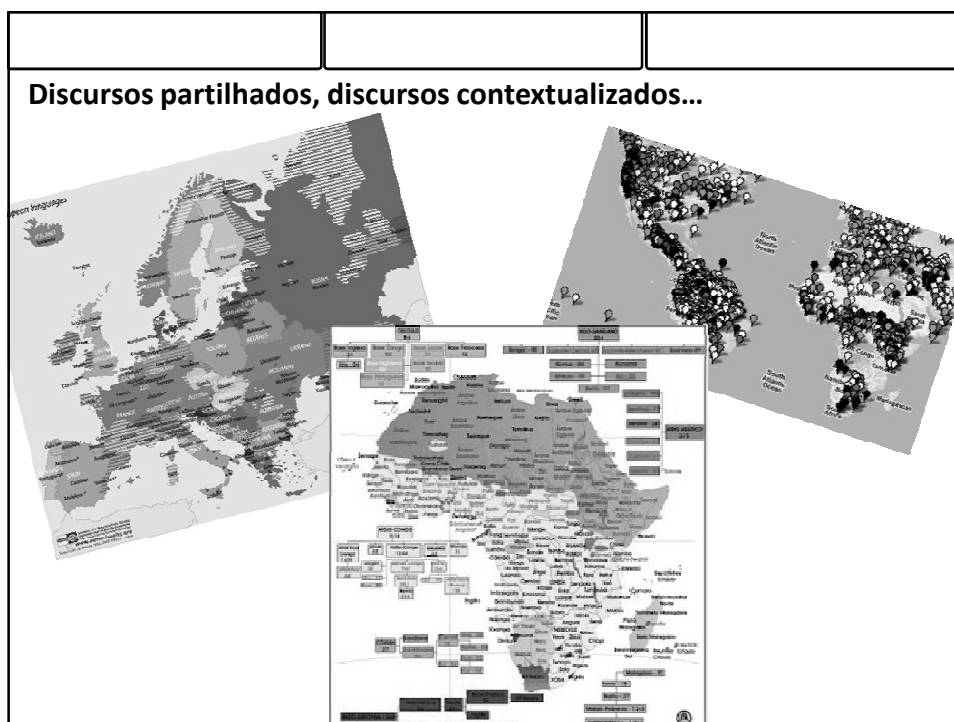
Consciência metalinguística	Contacto de línguas: - Língua Materna(s) - Língua Materna – Língua(s) Estrangeira(s) - Língua(s) Estrangeiras(s) – Língua Estrangeira	
Conhecimentos prévios de 4 tipos:		
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecimentos gerais sobre a organização das línguas e sobre a comunicação linguística; ▪ Conhecimentos específicos sobre a LM, tais como a distância linguística entre as duas línguas em contacto; ▪ Conhecimentos que o aprendente possui, ou julga possuir, num dado momento sobre a LE; ▪ Saber e conhecimentos linguísticos de toda a espécie, onde se inclui, por exemplo, o conhecimento ou a experiência que o aprendente tem sobre os processos de aquisição e de aprendizagem verbal (Klein in Freitas 2008) 		
Bagagem linguística a ter em conta na aprendizagem de línguas		



Que possibilidades de tarefas para a aula de línguas?		Pinho (2008)
Tarefas que se prendem com a ativação e o desenvolvimento de conhecimentos da esfera do linguístico-comunicativo		
Metalinguísticas/-comunicativas	. visam levar o aluno a refletir sobre a língua sistema , a língua uso e/ou a língua cultura, contribuindo para um conhecimento reflexivo sobre a língua e a comunicação.	
Comunicação/produção	. visam levar o aluno a produzir e a usar a língua com fins comunicativos ; visam a implicação do aluno numa situação real de comunicação, levando-o a experimentar e a arriscar em língua.	
Treino	. aquelas em que o aluno usa a língua para aprender de modo sistemático , tendo como finalidade a sua autonomização, permitindo a interiorização e autonomização de <i>skills</i>	
Interpretação	. aquelas em que o aluno usa a língua para aceder e construir sentido(s) ; visam desenvolver e ativar no aluno estratégias de acesso ao sentido em língua e o levem a utilizar a língua para compreender, interpretar, inferir, construir sentidos diferentes (desenvolvimento de uma agilidade linguístico-comunicativa)	
Tarefas que se prendem com a ativação e o desenvolvimento de conhecimentos que ultrapassam os da esfera do linguístico-comunicativo – os processuais – ligadas com o desenvolvimento da competência de aprendizagem		
Didáticas	. aquelas em que o aluno reflete sobre, avalia ou toma decisões relativamente ao processo de E/A , em que "aprende a ensinar" ; tornam transparentes as finalidades do processo de ensinar/aprender	
Metaprocessuais	. aquelas em que o aluno observa, avalia, reflecte sobre o processo que utiliza para aprender, que "aprende a aprender" , ganhando progressivamente consciência dos processos, estratégias, estilos de aprendizagem; processo de aprender e a compreender-se enquanto aprendente	
Acréscimos tarefas que, ultrapassando as esferas linguístico-comunicativas e processuais, se prendem com o desenvolvimento da competência existencial		
Formativas (TF)	. aquelas que marcadamente visam o desenvolvimento da personalidade e das qualidades pessoais do aluno , da sua relação (positiva) com as línguas, seus falantes e as situações de comunicação, ou seja, as atitudes, motivações, valores, crenças ; remetem para uma perspectiva social e ética do ensino das línguas, para o plurilinguismo como valor, para o desenvolvimento de uma personalidade intercultural, para a disponibilidade do aluno face ao outro e à diversidade	

As línguas do meu repertório:	
	Língua materna: Português
	Em família: Português; às vezes, Francês para comunicar com outros familiares.
	No trabalho: Português, mas também Inglês, Francês, Alemão e compreendo Castelhana, Catalão, Italiano
Na sociedade: falo Português, Inglês e Francês, compreendo Castelhana, Catalão, Galego, Italiano, algumas coisas em Neerlandês e Afrikaans; às vezes, ouço algumas canções em Italiano	
Com os amigos: falo Português e Alemão	
Para os meus estudos: falo Português, Francês, Inglês, Alemão	
Para os meus interesses, hobbies: Português, Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano	
Línguas em que me sinto mais à vontade para: <i>Ler textos escritos</i> : Português, Inglês, Alemão, Francês, Castelhana <i>Escrever</i> : Português, Inglês, Francês, Alemão <i>Compreender os outros na oralidade</i> : Português, Inglês, Francês, Alemão, Castelhana, Galego, Catalão, Italiano <i>Interagir oralmente</i> : Português, Inglês, Francês, Alemão	





Um exemplo vindo do Brasil...

Políticas linguísticas e de identidade – ações de professoras indígenas na Amazônia ocidental, Brasil (Maher, 2010)

**Voz à
identidade étnica
no currículo
escolar**

*Revitalização
linguística*

*Como conciliar a necessidade de uma língua de (re)afirmação identitária (**língua indígena**) com a necessidade de uma outra língua, que traz vantagens económicas, políticas e sociais no interior das próprias aldeias, viabilizando a comunicação interétnica e podendo contribuir para garantir que terão os seus direitos assegurados junto à sociedade envolvente (**língua portuguesa**)?*

Cantos tradicionais indígenas no currículo escolar

- aprender a língua e aprender aspetos culturais

<p>Quais são as comunidades linguísticas deste contexto?</p>		
<p>Contexto diglótico, multilíngue, de diversidade</p> <p>Diferentes línguas em contacto, diferentes famílias linguísticas, diferentes percursos...</p> <p>Ex. Línguas bantu, línguas indo-europeias, línguas asiáticas...</p>		<p>Mapa 3.1: Principais línguas de Moçambique por província</p> <p>http://www.sardc.net/HDev/MHDR2000/port/capitulo3/contribuicao2.html</p> <p><small>Fonte: INE, 1997</small></p>
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual o valor que lhes é atribuído nos processos de ensino e aprendizagem? ▪ Quais são as línguas da escola? Quais são os repertórios linguísticos dos alunos/estudantes? ▪ Como são rentabilizados? ▪ Que identidades linguísticas são privilegiadas? ▪ Quais são as nossas ideologias linguísticas quando ensinamos? Que formas, variedades linguísticas privilegiamos? 		

<p>Língua Portuguesa: Que identidade(s)? Que ensino(s)? Que educação?</p>		
<p><i>“Qualquer aprendizagem é instalação de uma nova identidade para aquele que aprende” (Develay, 2004)</i></p>		

“Problema não é a língua. O que eu não entendo é este mundo daqui.”

Mia Couto, *O Vôo do Flamingo*, pág. 42


E quando ensinamos uma língua que tem várias “línguas”?



Vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=4e3Cdmr0C1U>

“as configurações linguísticas internas que assume a língua portuguesa nos diversos lugares em que é utilizada são de natureza também diferenciada, decorrente da história própria que viveu a língua, a depender dos factores externos - históricos, sociais, geográficos, demográficos - que determinaram a sua difusão e implantação, em cada um desses locais. Assim sendo, a variação social e a variação espacial da língua têm feições típicas em cada um deles.” (Silva s/d)

<ul style="list-style-type: none">• Que política linguística para a escola? Para a gestão curricular e pedagógica?• Que <i>planificação linguística</i> (Que léxico ensinar? Que fonologia ensinar? – enfoque nos conteúdos)▪ Que consciência da diversidade da Língua Portuguesa ensinar?		
<p>“Conhecer o Outro passa, assim, pelo conhecimento de Si próprio, de modo reflexivo, consciente e crítico, na busca da Identidade, da Mesmidade, mas também da Complementaridade ou da Particularidade, da Alteridade e da Pluralidade, percebendo-se que é na compreensão da mais-valia da relação (social, pedagógica, educativa...) que se cumpre, por excelência, a função formativa da Educação.”</p> <p style="text-align: right;">(Bizarro 2006, in Silva 2009: 60).</p>		

<p>“Saber muitas línguas é ser muitas vezes homem” (Provérbio português)</p>		
		



Instituto Camões – Pólo da Beira
Centro de Língua Portuguesa
(22/08/2012)

**As línguas que nos habitam e as línguas que habitamos:
espaços de diversidade, espaços de educação**

Doutora Ana Sofia Pinho (anapinho@ua.pt)

Universidade de Aveiro

Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF)

Laboratório Aberto para a Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (LALE)



universidade de aveiro
theoria potes s praxis



cidtff
centro de investigação



LALE
LABORATÓRIO
ABERTO PARA A
APRENDIZAGEM
DE LÍNGUAS
ESTRANGEIRAS